

No ano em que se realiza o congresso da JUC, estavam inscritos em todas as escolas do ensino superior em Portugal 14 563 estudantes, dos quais 10 575 eram homens e 3988 mulheres. No Congresso estiveram representadas todas as universidades do País, tendo sido mobilizados mais de 2000 jovens. De sublinhar a presença significativa de mulheres no Congresso, que chega aos 47%. Aliás, a delegação de Coimbra é composta maioritariamente por mulheres (55%).



DGARQ-CPF-O Século

SALAZAR, em 1953, com os membros do senado da Universidade de Coimbra.

A JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA CATÓLICA ORGANIZA-SE

O I CONGRESSO NACIONAL DA JUC, EM ABRIL DE 1953, MARCOU A EMERGÊNCIA DE UMA VANGUARDA CATÓLICA.

ALBÉRICO AFONSO COSTA

Entre 15 e 19 de Abril de 1953 reuniu, em Lisboa, no Instituto Superior Técnico, o I Congresso da Juventude Universitária Católica (JUC). A importância deste evento reside no facto de ter sido este espaço de encontro e reflexão que marcou a emergência de uma «vanguarda» católica que, dotada de um novo código de leitura do social, se afirmará mais tarde na sociedade portuguesa.

Esta elite técnica e católica – «tecnocrática» – cuja intervenção será decisiva no desenhar de novas políticas sociais nos anos 60, tem a sua certidão de nascimento neste I Congresso, que constituirá assim uma referência obrigatória para esta específica geração. Daí a sua importância.

A omnipresença da hierarquia da Igreja Católica

O Congresso teve o apoio entusiástico de toda a hierarquia da Igreja, com a participação dos seus principais dignitários. O cardeal Cerejeira proferiu uma comuni-

cação na abertura dos trabalhos e apresentou outra comunicação na sessão de encerramento com um discurso de exortação aos jovens.

O arcebispo de Mitilene celebrou a missa de abertura e assistiu a várias sessões do congresso. O bispo do Porto apresentou também uma comunicação. Da mesma forma, o arcebispo de Coimbra proferiu uma missa especial e o papa enviou uma «bênção apostólica aos congressistas».

Todos estes acontecimentos evidenciam o empenho, o envolvimento e a aposta da hierarquia da Igreja Católica no sucesso do evento. Está presente, apresenta comunicações, reza missas, faz declarações à imprensa e intenta hegemonizar o movimento. Pretende, principalmente, que a renovação do pessoal político do regime passe pela jovem elite católica. Cerejeira lembra-o na sessão de encerramento: «Os estudantes universitários católicos portugueses tem demonstrado de maneira inequívoca nestes dias (...) que sabem o que



DGARQ-CPF-O Século

são o que querem e que constituem uma força.» Também o presidente do Congresso, o recém-licenciado Adérito Sedas Nunes, mais do que uma vez, no seu discurso da sessão inaugural, sublinha que os estudantes católicos presentes se devem preparar para «as tarefas de comando social» a que serão chamados.

A juventude universitária

No ano em que se realiza o Congresso da JUC estavam inscritos em todas as escolas de ensino superior em Portugal 14 563 estu-

dantes, dos quais 10 575 eram homens e 3988 mulheres.

No Congresso estiveram representadas todas as universidades do País, num total de 1900 delegados e delegadas, tendo sido mobilizados mais de 2000 jovens.

De sublinhar a presença significativa de mulheres no Congresso, que chega aos 47%. Aliás, a delegação de Coimbra é composta maioritariamente por mulheres (55%). A Faculdade de Letras de Lisboa tem a maior representação, com 160 elementos. Há várias faculdades com mais de cem presenças.

SESSÃO DE INAUGURAÇÃO

do I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica.

Das reivindicações formuladas, algumas são de carácter mais associativo: habitação, desporto, saúde escolar, melhoria das condições económicas dos professores.

Conseguir mobilizar de uma forma activa e empenhada mais de 15% de todos os estudantes universitários do País no princípio da década de 50 é um feito que só por si mereceria destaque. De igual forma, os documentos produzidos, as investigações que lhe deram origem e as conclusões apresentadas durante o evento são também dignas de realce.

Preocupações pedagógicas e de intervenção cívica

Contudo, e mais importante que tudo o resto, há a realçar a emergência de um sentimento de grupo. Um grupo inorgânico e informal, mas grupo na acepção de um agregado com objectivos comuns a cumprir e tarefas a realizar. Estes jovens universitários católicos assumem-se aqui pela primeira vez como uma força que formula um diagnóstico sobre a universidade e o seu papel histórico na sociedade. E conquanto o tom seja sempre colaborante, faltando a rebeldia de outras juventudes universitárias, este congresso não é mais uma arena de celebração do regime.

As cinco mais importantes teses apresentadas foram da responsabilidade dos directores das principais faculdades. O que não impede que alguns dos oradores apontem o desajustamento da Universidade à realidade do País: «Delineado para uma certa época histórica, tem-se impressão de que o esquema da sua estrutura está fora do nosso momento e, sobretudo, tem-se quase a certeza de que, na sua orgânica, a Escola não servirá para os momentos que aí vêm», afirma na sua intervenção Fernando Magano, professor de Medicina e vice-reitor da Universidade do Porto. Nas conclusões do Congresso são atribuídas novas res-



ponsabilidades à Universidade, procurando-se «soluções tecnicamente mais adequadas e doutrinariamente mais sãs». Refere-se a necessidade de «contribuir decisivamente para a eliminação das diferenciações sociais injustas».

O princípio da autonomia universitária foi outro dos objectivos perseguidos pelos jucistas.

O que mais sobressai no documento sobre as conclusões é a parte referente à



DGARQ_CPF-O Século

ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS
*recebem o primeiro prêmio
Trás-os-Montes, durante uma sessão
realizada na Sociedade de Geografia,
em 29 de Março de 1952.*

«orientação e votos», onde são preconizadas 36 propostas/orientações, abrangendo 7 áreas (formação cultural, problemas profissionais, a universidade e a formação científica, problemas de estudo, universidade e sociedade, vida institucional da universidade, a universidade e a igreja).

Das múltiplas propostas/reivindicações formuladas são integradas algumas de carácter mais associativo: habitação para os estudantes, o desporto «indispensável

à educação integral do universitário», saúde escolar, instalações desportivas e técnicas, melhoria das condições económicas dos professores.

A problemática de natureza pedagógica vai ser outra área sublinhada em várias intervenções e a que as conclusões vão também dar um destaque especial. Exige-se que os professores sejam bons pedagogos e façam um esforço de actualização científica; critica-se o ensino magistral,



DUARTE CPF - O SÉCULO

O CARDEAL CEREJEIRA lendo a sua alocução ao clero por ocasião do seu 65.º aniversário, em 1953.

defendendo-se também que «o fulcro da vida universitária não é o ensino mas a aprendizagem», e que uma boa organização pedagógica da universidade deve «centrar-se no aluno».

É ainda preconizada a colaboração dos alunos «nas decisões que directamente afectam os seus interesses escolares».

As preocupações de natureza social estão de igual modo presentes: «A Universidade deve ser acessível a todos os jovens com aptidões para cursar o ensino superior, independentemente das suas disponibilidades financeiras.»

A tão salvaguardada e temida mobilidade social através da escola era agora desafiada de forma serena e inatacável,

como se a acessibilidade ao ensino superior a todos os jovens fosse um assunto incontroverso.

Grande parte dos participantes ficou marcada pela grandiosidade do Congresso, não só pelo número de participantes, mas também pela diversidade e qualidade das intervenções e sobretudo pela convicção e empenho militante demonstrados pelos organizadores. O secretário-geral da Pax Romana sublinha «a sua agradável surpresa pelos progressos dos universitários católicos em Portugal».

Maria de Lourdes Pintasilgo, presidente da JUCF, em registo intimista faz também o seu balanço pessoal: «Pode dizer-

-se que o Congresso resultou na sua realização oficial naquilo que nós sonhá-vamos, mais talvez; creio bem que no trabalho insano que precedeu o Congresso nós nunca tínhamos imaginado que o Congresso pudesse ser o que foi. Porque apesar da boa vontade, dedicação, generosidade de muitos, apesar do cuidado que se pôs em todas as coisas, a nossa inexperiência, os nossos erros, as nossas falhas não pareciam garantir um êxito completo. E no entanto o Congresso foi-o totalmente. E isso deslumbrou-nos, esmagou-nos, mais, deu-nos a consoladora certeza de que, apesar de todas as nossas misérias humanas, de todas as nossas traições mais ou menos conscientes, o Congresso era obra de Deus.»

A emergência de uma nova elite, com uma nova agenda de intervenção

Traduzindo estes significados apresentados em jeito de balanço, o Congresso dotará a JUC de uma identidade que superava aquela que lhe advinha da sua condição de organização católica com esquadria traçada pela Igreja de Cerejeira. Um ideal «católico e universitário», quer dizer um ideal que foge à ortodoxia da Igreja tradicional, completamente avessa a introduzir outras componentes – neste caso a universitária – na sua matéria-prima base que é o catolicismo português, circunscrito à fé, uma fé veneradora, reverente e sobretudo cúmplice do regime.

Juntar ao ideal católico *strictu sensu* o ideal universitário era à data uma empresa arrojada, porque configurava uma abertura para a acção, até então evitada e preservada.

A segunda conclusão apresentada traduz-se também numa formulação que conduz a um aprofundamento identitário, porquanto este encontro forneceu à JUC um campo de acção, uma área de intervenção, a própria universidade, que é agora olhada com um outro conhecimento. O apetite de poder é ingenuamente clarificado ao referir-se que os conhecimentos de «tendências, preferências, aspirações, gostos» poderão «ser aproveitados (...) para orientar toda a vida universitária e toda a reforma de uma universidade no sentido cristão».

O projecto de poder é assim transparente e inequívoco, sendo que é um projecto que acompanhará estes intervenientes, uma vez acabada a frequência dos seus cursos.

Houve certamente por parte da hierarquia da Igreja Católica intenção de aproveitar e instrumentalizar esta capacidade de intervenção da principal elite do País, a sua elite. Prova-o o número de figuras presentes, a galeria dos discursos proferidos, a panóplia de meios e recursos postos ao seu serviço para a arregimentação para o Congresso.

Mas esta Igreja que se quer aqui congregar contém já dentro de si uma outra visão e um outro parentesco que é internacional, pré-conciliar e também universitário, com toda a carga significativa que tal pressupõe: a abertura, conhecimento, acção, poder.

E se nos outros países europeus as juventudes católicas eram peões no jogo de xadrez contra a hegemonia marxista nas escolas, e portanto profundamente conotadas com os poderes vigentes, em Portugal a ditadura obrigará estes movi-

Houve certamente por parte da Igreja intenção de aproveitar a capacidade de intervenção da principal elite do País. Prova-o o número de figuras presentes e os discursos proferidos.

Muitos dos participantes deste congresso vão, mais tarde, ocupar lugares de grande importância. Irão ser ministros, directores gerais, professores universitários.

mentos a demarcarem-se, na maior parte dos casos sem explosões, sem grandes rebeldias e confrontos, mas fundamentalmente através de uma outra postura perante a realidade social, que o regime pretendia inalterável, ou apenas alterável na medida em que as alterações assegurassem a sua continuidade.

Associativismo estudantil católico

Este primeiro Congresso da JUC vai, por outro lado, potenciar a emergência de um associativismo estudantil de cariz católico permitindo a alguns dos seus dirigentes e activistas assumir posições públicas de crítica à situação do País e de afirmação sobre a necessidade de uma maior autonomia da Igreja Católica face ao Estado Novo.

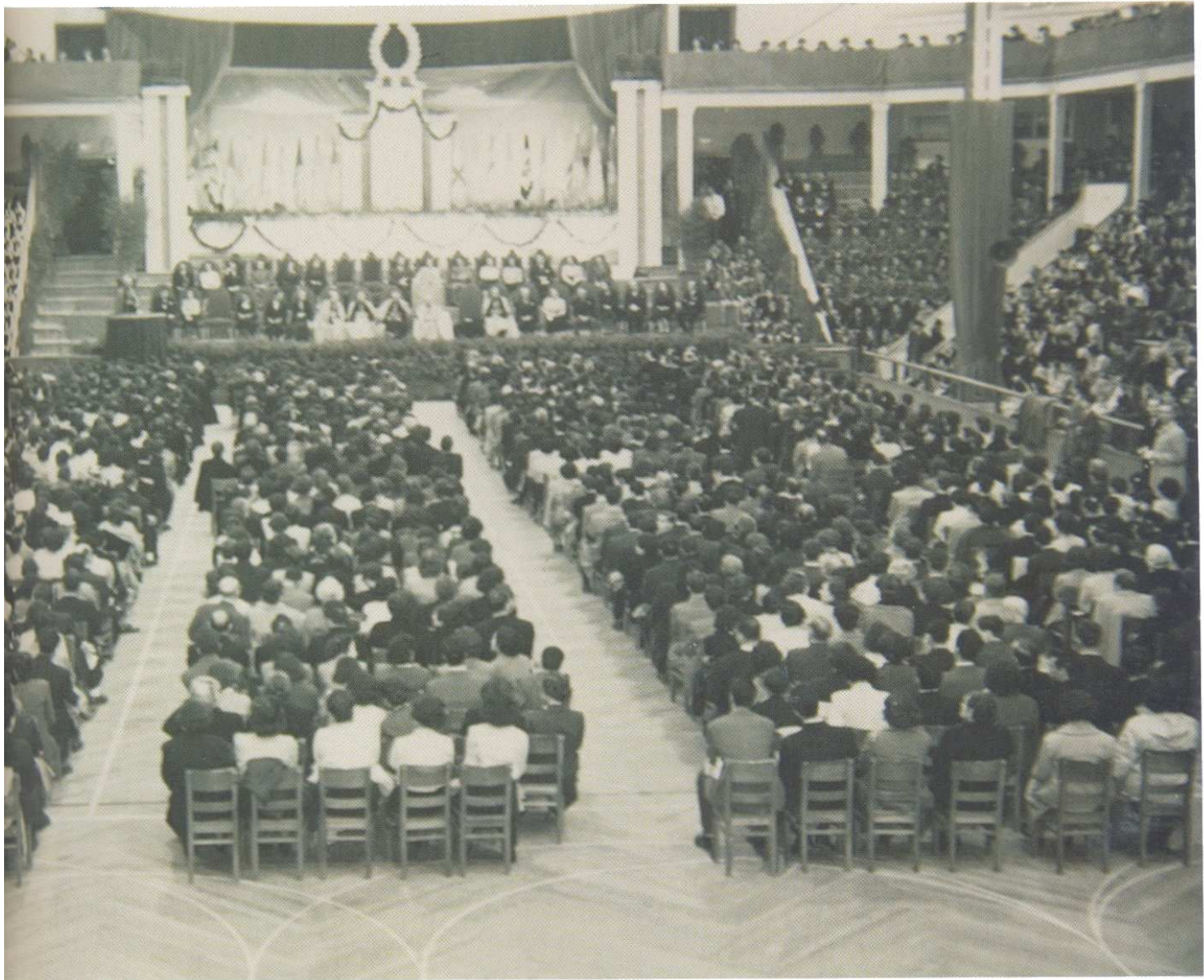
O pulsar de uma intervenção cívica mais autónoma é visível em várias iniciativas promovidas ao longo da década de 50: o I e II Cursos de Sociologia Rural (1954 e 1959); as I e II Jornadas Católicas de Direito (1956 e 1957) e ainda em meados da década de 50 o movimento cineclubista com o Cineclube de Universitários para uma Cultura Cinematográfica Cristã.

Quadros do «marcelismo»

Muitos dos participantes deste congresso vão, mais tarde, durante o marcelismo e mesmo na democracia, ocupar lugares técnicos e políticos de grande importância. Irão ser ministros, directores gerais, professores universitários, presidirão a instituições de investigação. Uma das componentes da «inteligência» marcelista vai ser recrutada aqui, entre estes rapazes e raparigas que neste preciso congresso encontram como que o fio-de-prumo da sua acção futura. Exemplificando o que atrás



se disse, Joaquim Silva Pinto será secretário de Estado do Trabalho e também ministro das Corporações; João Salgueiro será secretário de Estado do Planeamento Económico; Rogério Martins, secretário de Estado da Indústria; João Cravinho será director do GEBEI, na Secretaria de Estado da Indústria. Maria de Lourdes Pintasilgo será procuradora à Câmara Corporativa e desempenhará ainda vários outros cargos institucionais.



DCARQ, CPF-O Século

Estamos, pois, em presença de uma nova geração de católicos, bem diferente das anteriores e que contém, em plena expansão, os genes do que poderíamos designar por tecnocatolicismo, cujo papel será determinante na década de 60.

Uma nova geração que não se demite da acção política, ainda que encapotada, consciente ou inconscientemente, por uma liturgia que lhe serve de *background* e legitima a sua prática.

Uma nova geração que quer o poder e que vai tecendo a sua teia de uma forma envolvente, perspicaz e silenciosa, ocupando postos de direcção e desfrutando de tudo aquilo que o aparelho de Estado salazarista e posteriormente marcelista ia pon-do imperceptivelmente ao seu dispor.

Sedas Nunes, comentando a sua participação no Gabinete de Investigações Sociais, admite esta estratégia, admitindo ainda que se tratou de um fenómeno que

SESSÃO COMEMORATIVA do Dia da Acção Católica, no Pavilhão dos Desportos, em 1952.



O CARDEAL CEREJEIRA

*no II Congresso Nacional
da Juventude Católica, discursando
no momento da chegada da imagem
da Nossa Senhora de Fátima.*

DCARQ_CPF - SNI

«Em busca de uma expressão nova»

Um dos articulistas do *Diário de Notícias* que acompanhou os trabalhos do Congresso apercebe-se de que assistiu a qualquer coisa de diferente. Não era mais um evento crismado pela hierarquia da Igreja Católica com o beneplácito do Estado Novo.

No artigo que apresenta sobre a sessão de encerramento do Congresso sublinha que os estudantes universitários católicos «têm demonstrado de maneira inequívoca, nestes dias de Congresso, que sabem o que são e o que querem e que constituem uma força».

O jornalista que nos vários dias assistiu, um pouco espantado, ao desenrolar dos diversos momentos do encontro, compreende e intui que os dirigentes católicos perce-

bem que são uma força e a percepção que têm da sua força fá-los compreender que poderão utilizá-la de forma autónoma, isto é, não susceptível de ser completamente instrumentalizada e comandada.

A imprensa deu ao Congresso um enorme destaque, com várias fotografias e notícias de primeira página. Os principais jornais diários nacionais acompanham passo a passo os diversos momentos do Congresso. Do *Diário de Notícias ao Século*, do *Diário Popular ao Novidades*, todos os jornais o publicitam. O *Diário de Lisboa*, no primeiro dia, dedica-lhe o editorial onde se interroga «por que motivo só agora se realizou este Congresso em que se manifestou um sentido novo, em busca de uma expressão nova?» / A.A.C.

alastrou a outros elementos da JUC que se vão integrar em vários organismos técnicos do aparelho de Estado.

Estes jovens que, em 1953, são congressistas pisam o chão do regime, considerando-o como o seu espaço. Um espaço que urge reformar por dentro, com brandura e com uma desejável independência, tão quimérica quanto improvável, dada a abrangência totalizante da governação estado-novista.

Querem ganhar asas, já que perceberam a sua força e neste congresso ganharam a identidade possível, porque sitiados apesar de tudo pelo imobilismo do regime, pela estaca zero de onde partiam e pela própria Igreja institucional, hierárquica e tradicionalista.

Foi porém deste ponto que partiram

A organização de um congresso de juventude que passa pela preparação, nas diferentes faculdades, de intervenções que propiciam discussões teóricas, programáticas e organizativas «contaminou-os» de uma vontade que não é coincidente com o ritmo e o bater do coração do salazarismo.

Visto à distância, parece evidente que o Congresso sempre redundaria num êxito para as novas ideias e para a nova Igreja que se perfilava e pretendia entrar, intervir, agir.

Não é por acaso que o papel dos leigos e das mulheres aparece valorizado nas conclusões do Congresso. Lourdes Pintasilgo tem, aliás, um enorme protagonismo não só devido à co-presidência do Congresso, mas também às suas intervenções sobre temáticas relativas à mulher, onde se percebe a já, de forma

indiscutível, o tom feminista que se soltará mais tarde no marcelismo e aprofundadamente na democracia.

Esta experiência de debate, de explanação de ideias, esta possibilidade de apresentação de contributos fruto de uma discussão preparatória, esta mostra de um colectivo com vontade própria redundariam sempre numa outra análise que proporia uma outra prática. Não há aqui ainda o travo de qualquer dissidência católica, conquanto não haja também uma abordagem encomiástica ou subserviente do regime.

A gente que actua neste Congresso fundador é bem comportada, socialmente bem posicionada e não é decididamente subversiva, ainda que o núcleo duro do regime a venha a temer no futuro. Tão bem comportada e tão pouco subversiva que não ousa sequer discutir, ainda que à laia

Lourdes Pintasilgo tem um enorme protagonismo, não só devido à co-presidência do Congresso, mas também às suas intervenções, onde se percebe já o tom feminista que se soltará no marcelismo.

de breve afloramento, qualquer questão política, não obstante a repressão se tivesse abatido sobre a universidade e mais de uma centena de estudantes tivesse sido alvo de prisão por militância no MUD Juvenil. Silenciam, pois, completamente, tudo quanto vá para além dos objectivos traçados ao Congresso, limitando-se a discussão às questões do catolicismo universitário, não ousando «pular a cerca» do espaço de reflexão imposto por Salazar e aceite por Cerejeira.

Não assumem a indocilidade e a insubmissão que outros sectores da Igreja irão assumir anos mais tarde.

As propostas que apresentam são eclesiais, e as preocupações que assumem como suas são as que a Pax Romana formula a nível internacional e que são adaptadas com a margem possível à realidade nacional. Provam-no os vários inquéritos que são feitos para fundamentar as propostas preconizadas.

Não são, pois, nem rebeldes nem insubmissos. São, no entanto, um outro projecto cuja grelha de partida foi aqui marcada.

E são um outro projecto, porquanto no preciso ano de 1953 em que o Congresso se realiza, o regime não consegue já recrutar nas suas próprias organizações juvenis (MP, MPF/OMEN) um escol renovador dos seus quadros.

Assim sendo, o regime vê-se obrigado a lançar mão das organizações universitárias da Acção Católica, sem perceber os «perigos» que daí adviriam, porquanto o Congresso vai propiciar um encontro de vontades com uma dinâmica identitária que integra realidades diversas das que o Estado Novo e a hierarquia da Igreja pretendiam.

O pensamento católico e a Universidade

O tema central escolhido para a reflexão foi «O pensamento católico e a Universidade», tendo sido definidos cinco grandes objectivos: situar a Universidade em face do homem e da vida; desenvolver no estudante a consciência universitária; estudar as responsabilidades apostólicas da JUC e da JUCF; preparar o universitário católico para o apostolado intelectual e contribuir para uma estruturação mais perfeita de cada um dos referidos organismos.

Por sua vez, o tema geral escolhido era desdobrado nas seguintes teses: Origem e evolução da Universidade; Fins da Universidade; Vida institucional da Universidade; Responsabilidade Social da Universidade; Universidade e Igreja. Cada uma destas teses foi confiada a um professor catedrático das diferentes universidades do País.

Subsidiariamente às teses foram abordados os seguintes dez temas: Apostolado universitário; Universidade Católica; Tipos actuais de universidade; Organizações universitárias de estudantes; A mulher na Universidade; Condição económica e social dos estudantes; Problemas morais e religiosos dos estudantes; O universitário e o problema do estudo; Preocupações culturais e ideológicas dos estudantes e Problemas da vocação e preparação profissional do estudante. Estes temas foram objecto de várias comunicações apresentadas «espontaneamente» pelos congressistas ou por membros da direcção da JUC ou da JUCF.

O Regulamento do Congresso mostra a cuidadosa preparação a que obedeceu esta inicia-



DGARQ-CPF-O Século

VICTOR HUGO DE LEMOS (7.º a contar da esquerda, na 1.ª fila) com alunos da Faculdade de Ciências de Lisboa por ocasião da sua nomeação para reitor da Universidade, em 16 de Abril de 1956.

tiva. Para além da Comissão Executiva (com um conjunto alargado de competências), são criadas dez comissões com os seguintes atributos: Propaganda e imprensa; Instalação e protocolo; Recepção e alojamentos; Transportes; Serviços religiosos; Actividades culturais e festas; Redacção e publicação; Elaboração de inquéritos; Apuramento de inquéritos e Serviços de secretaria.

Há ainda outros indícios denotadores de uma cuidada preparação e uma dinâmica de

trabalho colectivo. Se analisarmos os relatórios temáticos apresentados em reuniões preparatórias das diferentes estruturas da JUC, verificamos que aí eram já cuidadosamente discutidos temas como o papel da mulher na Universidade, as atribuições das associações de estudantes ou o quadro de intervenção dos católicos. Estes temas de discussão encontram-se inscritos nas actas relativas a estas reuniões preparatórias que ocorriam sob a designação

«Sessões parciais do congresso». A edição de cinco números específicos do jornal da JUC no âmbito da preparação do Congresso, bem como a elaboração de vários inquéritos dirigidos a diversos públicos-alvo e sobre várias temáticas, indiciam um alto grau de profissionalismo e de rigor.

O congresso teve dois anos de intensa preparação e envolveu várias dezenas de militantes da JUC e da JUCF. / A.A.C.